



MENINAS VESTEM ROSA, MENINOS VESTEM AZUL: CONCEPÇÕES DE ADOLESCENTES ACERCA DA MASCULINIDADE E FEMINILIDADE

Flora Alice Santos Almeida¹

Inscrita sobre um fatalismo natural a relação masculino/feminino constituiu-se permeada por um discurso que ressaltou e afirmou o determinismo biológico implícito no termo “sexo” e a consequente naturalização da diferença sexual, marcada por uma assimetria entre o que definiam como características e atividades masculinas e características e atividades femininas.

Segundo Lígia Amâncio, as diferenças biológicas eram as que melhor podiam explicar a “evidente” inferioridade psicológica e social das mulheres, tanto mais que constituíam justificações e legitimações ideais de uma certa ordem social que, em si mesma, parecia de tal modo natural que nem sequer merecia o estatuto de objeto de análise (AMÂNCIO, 1994).

A emergência da categoria gênero representou uma virada epistemológica, pois segundo Guacira Lopes Louro, ao utilizar a categoria gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres, separada da dos homens, e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder (LOURO, 2002), permitindo a interrogação de toda e qualquer formação cultural e social.

Em seu artigo, Prefácio a gender and politics of history, traduzido no Brasil em 1994, Scott refere-se acerca do conceito de gênero como “o saber a respeito das diferenças sexuais” (SCOTT, 1994, p.12), partindo da noção de saber atribuída por Foucault, como sendo a compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas e ainda um modo de ordenar o mundo que como tal não antecede a organização social, mas é inseparável dela. Um saber sempre relativo e contextual, nunca absoluto ou verdadeiro, cujos usos e significados nascem de uma disputa política, sendo, assim, os meios pelos quais as relações de poder – de dominação e de subordinação – são construídas, chegando à conclusão que gênero é a organização social da diferença sexual:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias subpartes. Estão inter-relacionadas, mas devem ser analisadas distintamente. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1990).

¹ Psicóloga, Mestranda do Programa de Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. alicensantos@hotmail.com



Para Butler (2003), gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. O termo estilizações permite suspender o problema das ‘coisas’ que estão representadas nas expressões lingüísticas (por exemplo o sexo), e passar aos atos que são realizados pelo corpo que fala no estabelecimento, criação, recriação e eventual subversão das relações de poder. Gênero compreendido então como efeito discursivo, como efeito de atos de fala. A linguagem como o poder de criar o “socialmente real” por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes (BUTLER, 2003).

O sujeito gendrado seria o resultado de repetições normativas e constitutivas que impõe efeitos substancializantes. Seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras de coerência de gênero:

[...] o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. [...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (BUTLER, 2003, p.48)

Desta forma, a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é constituída, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marca dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2001, p.11).

Desde o nascimento, meninos e meninas são preparados para responder às expectativas da sociedade em relação ao papel que cada um deve desempenhar. O revólver e o carrinho, simbolizando o espaço público, representam a violência, a decisão, o domínio; a boneca está associada ao trabalho doméstico, à maternidade. Assim, as identidades de homens e mulheres são traçadas gerando a necessidade da existência de um “ser” frágil, sensível, dócil, em oposição ao outro “ser” forte, provedor, agressivo, intolerante, reiterando a cultura patriarcal e as assimetrias entre os gêneros (FISCHER & MARQUES, 2001).

A objetivação do masculino e do feminino em entidades ontologicamente diferentes é, portanto, regulada por uma assimetria que atravessa todos os processos sócio-cognitivos que participam para essa construção sócio-histórica do “ser” homem e do “ser” mulher.

Para Moita Lopes, “há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social”, afetando de forma direta e indireta a construção da identidade social,



em particular dos adolescentes, pois estes questionamentos passam pela tentativa da compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade, em resumo, de quem somos na vida social contemporânea (2003, p. 15).

Conseqüentemente, as relações de gênero situadas sempre em contextos sociais específicos demarcam espaços, delimitam possibilidades e configuram matrizes ou modelos de interação entre as pessoas, implicando pressões sobre aquelas que as transgridem ou subvertem. É inegável a diferença entre as possibilidades de que dispõem os adolescentes de classe operária em relação a outros dos estratos médio ou alto de uma mesma sociedade. Com tão limitadas perspectivas de vida e educação, não surpreende que as desigualdades de gênero possam ter um peso maior nas camadas de baixa renda.

Mas, “quem somos na vida social contemporânea” tomando como categoria de análise as relações de gênero? Quais as concepções de adolescentes acerca da masculinidade e feminilidade? De que formas percebem os papéis atribuídos aos homens e às mulheres? Meninas vestem rosa e meninos vestem azul?

Em face desses questionamentos, este estudo objetivou identificar as concepções de adolescentes acerca da masculinidade e feminilidade levando em consideração as diferenças e papéis socialmente estabelecidos para homens e mulheres tomando como categoria de análise as relações de gênero.

Método

Participaram dessa pesquisa 14 adolescentes, entre 15 a 18 anos de idade, de ambos os sexos, sendo 05 meninas e 09 meninos, participantes do “PROJOVEM Adolescente”, serviço socioeducativo que integra as ações de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) criando mecanismos para garantir a convivência familiar e comunitária e condições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional. Os adolescentes residem em bairros periféricos do Município de Nossa Senhora das Dores, sertão Sergipano, que fica a 72 km da cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe.

Instrumentos

Para a coleta dos dados foi realizada a técnica do Grupo Focal. Esta pode ser caracterizada como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA & GONDIM, 2001). Optou-se por essa técnica



de pesquisa pela mesma privilegiar a coleta de dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador (MORGAN, 1997), tendo assim como unidade de análise o próprio grupo (GONDIM, 2002).

Foi realizado apenas uma sessão de grupo focal com a participação dos 14 adolescentes, sujeitos dessa pesquisa, buscando-se uma compreensão das concepções dos adolescentes com base em suas manifestações em um processo de discussão dirigida.

Todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tomando conhecimento dos objetivos da pesquisa e declarando aceitar participar do projeto. Todas as informações foram gravadas e posteriormente transcritas.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Buscando identificar as concepções dos adolescentes acerca da masculinidade e feminilidade, assim como as diferenças e papéis atribuídos aos homens e às mulheres em diferentes contextos, vários temas foram discutidos e distinguidos enquanto categorias temáticas. O primeiro tema a ser levado a cabo tratou-se das “Definições do Masculino e Feminino”.

Ao definir o feminino, assim como as expectativas referentes ao comportamento e às habilidades das mulheres, as meninas apontaram inicialmente aspectos como *sensibilidade, vaidade, delicadeza, sutileza, zelo*, seguindo a aspectos como *independência, autonomia, inteligência, agilidade*; já os meninos apontaram apenas os primeiros traços citados pelas meninas, associando ainda à *habilidade na cozinha, à maternidade e sedução*.

“As mulheres têm um grande poder de sedução ...” (Gabriel)²

“As mulheres são mais sensíveis e delicadas” (Clara)

“As mulheres estão hoje mais independentes ...” (Ana)

Já no que se refere ao masculino, as meninas relacionaram com *força física, violência e maior dedicação ao trabalho*. Já os meninos atribuíram além desses aspectos, a *determinação, inteligência, atitude e coragem*.

“Os homens são mais dedicados ao trabalho, já a mulher fica mais em casa” (Clara)

“Os homens são fortes ...” (Fernanda)

Nota-se que ainda é possível identificar estereótipos de gênero arraigados por uma ideologia masculinista e sexista sendo reproduzidos pelos adolescentes. Porém vale ressaltar que aspectos

² Os nomes próprios atribuídos às falas dos participantes são fictícios visando à preservação dos mesmos. Fazem referências apenas ao gênero dos participantes.



antes marcados pelas diferenças de gênero já são evidenciados e atribuídos pelos adolescentes tanto como masculinos como femininos.

“Mulheres e homens são iguais ...” (Maria)
“Hoje os homens também estão ficando mais vaidosos” (Ana)
“Os homens também são bons de cozinha” (Pedro)

Verifica-se que ao mesmo tempo em que há transformações nas concepções dos adolescentes, como resultado de novos valores e crenças, valores tradicionais continuam estruturando a relação de homens e mulheres, acentuando as diferenças.

Como nos coloca Guacira L. Louro, nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se a atribuição de diferenças. “... isso implica a instituição da desigualdade, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricada com as redes de poder que circulam a sociedade” (2001, p. 15).

Segundo Moita Lopes “masculinidades são impostas por um processo de socialização que se inicia na família ... e que continua na escola, a qual é um dos primeiros lugares onde a identidade sexual é produzida” (2003, p. 55), reproduzindo masculinidades hegemônicas.

Vale ressaltar que estamos tratando de um grupo social muito particular, adolescentes, sendo este considerado um momento da vida onde as pessoas estão envolvidas na construção de um sentido coerente de quem são no mundo social (LOPES, 2003), sendo estão um momento crucial para identificar os discursos de construção da identidade.

As diferenças foram mais acentuadas quando tratou-se do tema “Gênero e Família”.

Historicamente o trabalho fora de casa, as atividades engendradas no âmbito do público foram reservadas aos homens, enquanto que o trabalho doméstico, o espaço privado e as relações familiares foram concebidas como femininas. Apesar de nas últimas décadas ter sido crescente a inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua presença no mundo público e os impactos que estes fatos trouxeram à instituição familiar e à experiência da maternidade (SCAVONE, 2001), as responsabilidades pelas demandas domésticas continuam fortemente associadas ao feminino.

Grande parte dos(as) adolescentes atribuíram às Mulheres os cuidados com a casa e dos filhos, reafirmando ser o trabalho doméstico uma atividade feminina.

“São as mulheres quem tem que cuidar dos filhos. Homens não sabem fazer isso não, só sabem bater ...” (Clara)
“E quem é que vai fazer minha comida e trazer na mesa?” (Luis)

Nota-se que há ainda uma afirmação das assimetrias e desigualdades de gênero na esfera da família, não havendo como não considerar as desigualdades socialmente construídas em outras esferas da vida social das mulheres.



Segundo Bruschini (1996), a manutenção de um modelo de família, segundo o qual cabem às mulheres as responsabilidades domésticas e socializadoras, bem como a persistência de uma “identidade feminina” marcada pela vocação em torno das atividades do mundo doméstico, condicionam a participação da mulher no mercado de trabalho.

Porém, o trabalho doméstico foi valorizado tanto pelos meninos quanto pelas meninas.

“Eu não sei se conseguiria fazer todas aquelas coisas ... Minha mãe cuida da casa, faz o almoço e ainda tem tempo para ajudar meus irmãos com a tarefa da escola ...” (Pedro).

Apesar das transformações no que tange à divisão sexual do trabalho e apesar de terem sido citados pelos(as) adolescentes a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, as atividades femininas estavam geralmente associadas aos trabalhos domésticos, quando não a empregos voltados aos cuidados para com o outro, havendo uma forte marcação entre trabalhos masculinos e trabalhos femininos.

“Não são todas as profissões que as mulheres trabalham ...” (Clara).
“Tem muita mulher querendo ser homem” (Luís).

As profissões masculinas foram exemplificadas como: mecânico, motoboy, eletricitista; já as femininas como: professora, enfermeira, empregada doméstica.

Porém foram acentuados aspectos associados às desigualdades e discriminações inscritas no contexto do trabalho no que tange às relações de gênero.

“Hoje em dia o mercado de trabalho discrimina a capacidade da mulher em exercer funções que antes só os homens podiam exercer” (Maria).

Quando o tema tratado foi “Gênero e Sexualidade” os(as) adolescentes acentuaram aspectos biológicos e essencializantes do sujeito ratificando as diferenças entre os gêneros, representando bem a visão tradicional de naturalização da dominação masculina e submissão feminina.

“Os homens tem a sexualidade a florada. É natural querer fazer sexo” (Alberto).
“A mulher tem que ficar em casa, não pode sair à noite, pois ela pode engravidar e ficar falada” (Gabriel).

Nota-se que aspectos fisiológicos como a fecundação e concepção feminina são apontados como fatores delimitadores para o comportamento das mulheres intencionalizando-a, inclusive, pela ocorrência de uma gravidez, demonstrando que a responsabilidade recai ainda de forma mais acentuada sobre a mulher.

A partir das diferenças orgânicas são construídas culturalmente um conjunto de marcas assentados em estereótipos que significam as representações da sociedade em geral e do adolescentes em particular.



Apesar das meninas apresentarem definições e concepções menos assimétricas acerca dos papéis relacionados ao homem e à mulher frente à sua sexualidade, aquelas que se expressaram – vale ressaltar que foram poucas – o fizeram na 3ª pessoa, nunca se referindo a elas e quando se referiam tendiam a reafirmar o discurso hegemônico masculinista.

Eu não vejo problemas delas quererem transar ... eu não estou falando de mim não, só acho que o que elas precisam é fazer com segurança (Maria).

Nota-se nesse contexto, a construção da sexualidade feminina ainda muito arraigada pelos estereótipos de gênero, marcados pela submissão feminina e desigualdades comportamentais. Hierarquias inscritas em um contexto ainda opressor.

Nota-se que a hierarquização de gênero perpassa gerações, tempos e rotinas, jogos e brincadeiras, perspectivas e projetos de futuro, reproduzindo os papéis de gênero vigentes no grupo social ao qual pertencem os sujeitos implicados, neste caso, os adolescentes.

Concepções mais equânimes disputam espaço com concepções tradicionais, marcadas pelas diferenciações de gênero constituídas historicamente. Meninas continuam vestindo rosa, meninos continuam vestindo azul, refletindo em modos de ser adequados ao masculino e ao feminino, expressando padrões de comportamento adequados aos homens e às mulheres, porém outros aspectos adentram nesse contexto de fortes diferenciações, sinalizando possíveis transformações nos modos de “ser” e de representar o masculino e o feminino, contribuindo para a desnaturalização das diferenças entre os gêneros.

Considerações Finais

Os estudos de gênero já mostraram como as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas (FILHO, 2005).

A diferenciação entre os sexos pressupõe a definição do que são as características que formam a identidade do masculino e do feminino. Não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, e são controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. Os homens devem aprender a ser dominadores e ativos e as mulheres a serem submissas; se as mulheres devem ser castas, os homens devem conhecer os limites nos quais eles podem atentar contra esta castidade.

Tais diferenças seriam uma dimensão da construção do gênero traduzida por uma assimetria, sempre levando em consideração o momento histórico e cultural, significando e caracterizando a



personalidade, o comportamento sexual, a aparência física, etc., tanto do homem como da mulher em uma dada sociedade (Scott, 1994).

As concepções de gênero, constituídas socialmente, não têm certamente uma existência abstraída da realidade social. Em uma sociedade com linhas de desigualdade, principalmente quando tratam-se de contextos ainda fortemente arraigados por valores tradicionais como é o caso do Sertão Sergipano, sendo realidade de grande parte do sertão nordestino, pensar em gênero ainda é pensar em exclusão, em marginalização, em alteridade, verificando claras diferenciações entre masculinidade e feminilidade.

Apesar de nesse estudo terem sido evidenciados aspectos que denotam transformações nas concepções acerca do masculino e do feminino, confirmam-se ainda os estereótipos tradicionais de gênero; as aproximações da mulher ao espaço privado e do homem ao espaço público; a expressividade relacional associada às mulheres e a instrumentalidade aos homens; construções sócio-históricas que continuarão sendo engendradas no cotidiano impresso nas relações de gênero, reproduzidas, resignificadas, desconstruídas, convivendo assim aspectos arraigados por uma ideologia masculinista de gênero, com outros mais equânimes.

Acredita-se que não somente os resultados, mas o percurso dessa pesquisa possibilitou aos adolescentes uma maior reflexão e questionamento dos valores tradicionais que continuam sendo reproduzidos no cotidiano das relações sociais, assim como os impactos das marcas de gênero no contexto da família, do trabalho, da educação e no desenvolvimento da sexualidade.

Aguarda-se que os dados constituídos nessa pesquisa possam subsidiar o desenvolvimento de Projetos de Intervenção e ações de técnicos da Rede territorial do Município de Nossa Senhora das Dores no que tange às relações de gênero e a forma como essas são concebidas e significadas na Adolescência, contribuindo para novas representações de gênero mais equânimes e incentivando os adolescentes a protagonizarem movimentos de sensibilização e luta por uma sociedade mais democrática. Espera-se também que atue como incentivo ao desenvolvimento de outras pesquisas no Município afim de que outros aspectos que perpassam esse tema possam ser levantados e discutidos.

Referências Bibliográficas

AMANCIO, Lígia. *Masculino e feminino: a construção social da diferença*. Portugal: Edições afrontamento, 1994.



BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. *O Trabalho da mulher brasileira nos primeiros anos da década de noventa*. Anais da ABEP, vol. 1, 1996, p. 483-513.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FISCHER, I. R.; MARQUES, F. *Gênero e exclusão social*, 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/113.html>>. Acesso em 27 de janeiro 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. *Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos*. Ribeirão Preto: Paidéia, v. 12, n. 24, 2002.

LOURO, G. L. Gênero: Questões para a educação. In: BRUSCHINI, C. e UNBEHAUM, S. (orgs.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002.

_____, *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

MOITA LOPES, L. P. da (org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MORGAN, D. Focus group as qualitative research. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications, 1997.

SCAVONE, L. *Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero*. Interface, v. 5, n.8, 2001, p. 47-60.

SCOTT, Joan W. *Prefácio a gender and politics oh history*. Cadernos Pagu, nº 3, Campinas, 1994, p. 11-27.

_____, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, 1990.

FILHO, A.T. *Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam*. Cad. Pagu, n. 24, Campinas, 2005.

VEIGA, L. & GONDIM, S.M.G. *A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político*. Campinas: Opinião Pública. 2(1), 2001, p. 1-15.